



PROBLEMAS TEÓRICOS DA UTILIZAÇÃO DO CINEMA COMO FONTE HISTÓRICA

Karla Hegeane Vieira de Lima¹

RESUMO

A problematização de como o cinema pode ser uma fonte de extrema importância para o ofício do historiador e algumas reflexões sobre os problemas que esse uso pode proporcionar é o que visa o presente trabalho, refletindo em que plano do real a linguagem do cinema é manifesta. Através de uma apresentação crítica do que pensou Marc Ferro sobre a relação cinema-história faremos um diálogo com o que predomina na disciplina histórica no que se refere a essa relação. Esse trabalho se justifica na medida em que o sistema da arte foi revolucionado pelo cinema e ele promoveu uma alteração na maneira como as pessoas percebem o mundo, o historiador mais do que qualquer outro profissional deve estar atento a essas transformações.

Palavras-chave: Marc Ferro, teoria da história, linguagem cinematográfica.

ABSTRACT

The *problematization* of how the cinema can be a source of extreme importance to the historian's *métier* and some reflections about the problems that these uses can bring is what this present work aims, reflecting in which real language plan the cinema manifest itself. By a critical presentation of what Marc Ferro thought about the relation cinema-history we will make a dialogue with which reins in the historical subject about this relation. This work justify itself as the art system was revolutionized by the cinema and as it promoted a change of how the people saw the world, the historian more than any other professional should pay attention to these transformations.

Key-words: Marc Ferro, history theory, cinematographic language.

INTRODUÇÃO

Com a ascensão da Nova História a possibilidade de utilização de novas fontes foi, finalmente, afirmada no campo da história. O cinema se insere nesse novo campo de possibilidades. Sua utilização como fonte histórica foi bastante negligenciada até meados da década de 1970. Um dos motivos que podem ser apontados para isso, é o fato de que até então os historiadores acreditavam que o cinema de ficção só se manifesta como real em relação ao imaginário da sociedade. Hoje, o que para eles foi um problema é o solo onde repousam análises fecundas de uma sociedade: o imaginário coletivo. Com a ascensão da Nova História e sua história das mentalidades, o cinema foi colocado na posição de novo objeto e usá-lo

¹ Graduanda do Bacharelado em História pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: karlavieiradelima@gmail.com



como fonte se tornou comum. No entanto, essa aceitação não exclui os problemas do cinema, quando utilizado no lugar de fonte documental.

Essa utilização se justifica na medida em que ele revolucionou o modo como percebemos nosso mundo, ele deixou de ser apenas um produto da história, transformou-se também em um agente de Clio. Marc Ferro tem o mérito de ser um dos pioneiros, no campo da história, a problematizar a relação cinema-história, sendo assim um olhar mais atento sobre sua obra, que toca nessa afinidade, se faz bastante produtivo. Não deixando escapar o fato de que Ferro e seu pensamento sobre a relação histórica-cinema não é unanimidade, entre os historiadores que se propõe a utilizar o cinema como fonte. Dessa forma, outras possibilidades de teorização nesse campo são possíveis, a posição de Ferro é só mais uma lente dentre as várias que podemos usar ao tratar dessa relação.

Nós historiadores, muitas vezes, acostumados a lidar com a materialidade dos documentos não voltamos nosso pensamento para questões referentes à qual tipo de realidade nossas fontes refletem ou se elas realmente são manifestações do real. Tudo parece muito natural, um dado. Em tempos onde a verdade foi finalmente aceita como contingente, “devaneios” filosóficos como esses, parecem já não mais serem relevantes para nosso *métier*. No entanto, quando falamos de cinema, a relação entre documento e realidade parece voltar a se configurar como problema. Principalmente, quando nos referimos ao cinema de ficção (*featured films*) ficamos confusos pensando na possibilidade de ele não revelar nada ou quase nada do real.

Marc Ferro coloca essa questão ao mostrar que uma tensão característica do filme proporciona o que ele chama de contra- análise da sociedade, “o filme atinge as estruturas da sociedade” (MORETIN, 2007, p.41). Segundo Ferro, há uma zona de realidade não visível nos filmes e é nessa zona que os diagnósticos do historiador devem ser feitos, nessas zonas que veríamos a contra análise da sociedade. Independente da vontade dos poderes dominantes, “a câmara revela o funcionamento real daquela [sociedade], diz mais sobre cada um do que queria mostrar” (FERRO, 1992, p.86). Esse lugar de desvelamento, dentro do filme, parece ser constitutivo da linguagem cinematográfica.

Uma discussão dessas questões é o que pretende esse texto. Tentando vislumbrar possibilidades de trabalho, ao oferecer uma interpretação da proposta de Ferro para relação cinema-história. Nessa perspectiva, podemos dizer que o cinema é fonte para o historiador, mesmo apresentando problemas em seu estatuto como fonte. Ele apresenta possibilidades, que em determinados temas, vão além das disponíveis na documentação mais tradicional.



O FILME DE FICÇÃO PODE SER FONTE PARA O HISTORIADOR?

A distinção entre *actuality films* (documentários) e os *featured films* (filmes de ficção) - dicotomia esta bastante rígida, talvez já não contemple a multiplicidade da linguagem cinematográfica - ainda é bastante utilizada por quem se propõe a utilizar o cinema como fonte histórica. Ela nos direciona para a visão de que nos documentários “cada plano, sequência ou produção completa é um registro primário do passado e seu conjunto editado transforma-se num documento em si” (NAPOLITANO, 2007, p. 242).

Já os filmes de ficção seriam fontes documentais apenas em relação à visão de seu criador sobre determinado tema, não tendo relevância no que tange ao real da uma sociedade. Não sejamos ingênuos, as dicotomias, na maior parte dos casos, não dão conta da pluralidade de respostas possíveis as nossas questões, apesar de essa postura dicotômica ser bastante usada por Ferro. Outro posicionamento diria que, o filme de ficção só se manifesta como realidade em relação ao imaginário de uma sociedade. Sendo assim, o trabalho para desvendar pontos de conexão entre o filme e a história seria infrutífero.

Respondendo a essa última posição Marc Ferro diz que “aquilo que não aconteceu (e por que não aquilo que aconteceu?), as crenças, as intenções, o imaginário do homem, são tão História quanto a História” (Ferro, 1992, p. 86). Sendo assim, podemos proceder a análise de filmes mesmo em questões relativas ao imaginário. No entanto, podemos dizer que não é apenas nessa instância do real que o cinema de ficção se manifesta. Ele constrói discursos sobre a sociedade que o produz, apontando para suas ambiguidades e tensões¹. Na perspectiva de Ferro, ele se constitui como agente da história.

Outro ponto favorável, ao cinema de ficção, refere-se a possível análise do historiador de como a película foi recebida na sociedade. Quais reações do público em relação ao filme? Sua recepção perante a crítica e os espectadores de que forma? Era um filme produzido por grandes corporações ou uma produção independente? Essas questões ajudam a esclarecer o quanto significativo o filme foi para sociedade e o quanto ele demonstra dela.

Esse tipo de produção, aliás, leva uma vantagem em relação às atualidades ou ao documentário. Devido a sua maior divulgação e circulação, é possível identificar com maior clareza o diálogo entre o filme e sociedade por meio da crítica e da recepção do público. (MORETTIN, 2007, P.49)

A mudança de estatuto das fontes históricas foi bastante importante para consolidação de uma nova forma de escrever história. Se podemos utilizar o cinema como fonte, por que muitas vezes só recorremos a ele como ilustração? Trabalhando com uma documentação



escrita, muitos pesquisadores mencionam passagens de filmes como meio ilustrar suas análises. Não que essa postura seja menos válida, porém ela acaba por transformar o cinema numa fonte de menor importância. Corroborando para inegável primazia que as fontes escritas ainda têm em nosso ofício. O cinema conta histórias e estórias de maneira bastante diversa e mesmo assim apresenta uma especificidade que lhe é própria. Nós historiadores, cada vez mais necessitamos de apropriar-nos de linguagens diferentes para aprender a contar nossas histórias, seja com o romancista ou o cineasta. Quem escreve história deve estar atento às estruturas narrativas do gênero filme, pois dessa forma ele conseguirá proceder a uma análise adequada do cinema, mas também aperfeiçoará seu fazer historiográfico.

REALIDADE PRODUZIDA PELO CINEMA

Já dissemos que, para Ferro, mesmo o cinema de ficção se apresenta como representante de uma instância da realidade, indo do imaginário ao econômico. Sendo assim, deveremos proceder a uma análise de como Ferro pensou a possibilidade de se resgatar esse real a partir das obras cinematográficas. Trabalhando com os conceitos de contra-análise da sociedade e zona de realidade não visível, ele busca apresentar um método de apropriação da realidade presente no filme.

É dentro dos lapsos constitutivos da linguagem cinematográfica que o historiador deve trabalhar. Pois, eles são essa zona de realidade não visível, o lugar onde a verdade pode ser desvelada dentro da película. Também, nesse lugar que se apresentaria uma contra história. Uma história que não está interessada em criar um belo conjunto sistemático e racional, mas sim refinar a própria história, ou quem sabe destruí-la².

Mesmo sob a pressão de um sistema rígido de censura, um filme testemunha. Isso acontece, pois a câmara mostra mais do que deseja, a realidade exibida no filme vai além da pretendida por seus idealizadores. “Descobrir o que está latente por trás do aparente, o não visível através do visível” (FERRO, 1992, P.88), é o que deve conseguir o historiador que deseja alcançar um nível de realidade social dentro da imagem. Falamos imagem, pois o método de Ferro parece se aplicar não apenas ao cinema, mas a qualquer imagem produzida pela sociedade³.

Ao postular a existência de uma zona de realidade não visível em contraposição a uma visível, uma contra-análise da sociedade dando origem a uma contra-história, Ferro coloca o problema da relação cinema-história recorrendo às velhas dicotomias. O caráter polissêmico



da linguagem cinematográfica desaparece. Ele tenta se resguardar ao dizer que em sua análise o filme “está sendo observado não como uma obra de arte, mas sim como um produto, uma imagem-objeto, cujas significações não são somente cinematográficas” (FERRO, 1992, p.87), essas significações se dão na relação as imagem com um contexto sócio histórico. No entanto, sua teoria acaba ficando por desejar, faltando uma postura semiológica mais sólida que abarque as estruturas da linguagem cinematográfica.

A problematização do filme em sua instância artística também não ocorre de maneira firme nos estudos de Ferro, o que aparece com bastante nitidez é verificação de que o cinema produz obras ideológicas e que por isso a todo o momento devemos proceder a uma crítica da autenticidade do documento. Em momento algum, podemos dizer que a imagem pode constituir um documento neutro da realidade. Dentro dos estudos de Ferro a análise dessa instância ideológica do cinema se apresenta de maneira mais clara em seu estudo do filme *Jud Süss* (1940) de Veit Harlan. De caráter anti-semita essa obra consegue, através de uma sutileza na montagem dos planos sequências, evidenciar um tipo de judeu que é falso, tem duas “caras”⁴. É a cristalização do estereótipo de judeu pregado pelo nazismo.

Na análise de uma obra cinematográfica não só o filme deve ser analisado. A afinidade do que é filme do que não é filme deve ser feita.

Não seria suficiente empreender a análise de filmes, de trechos de filmes, de planos, de temas, levando em conta, segundo a necessidade o saber e a abordagem das diferentes ciências humanas. É preciso aplicar esses métodos a cada um dos substratos do filme (imagens, imagens sonorizadas, não sonorizadas), às relações entre os componentes desses substratos; analisar o filme tanto a narrativa quanto aos cenários, a escritura, as relações do filme com aquilo que não é filme: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime de governo. Só assim se pode chegar à compreensão não apenas da obra, mas também da realidade que ela apresenta. (FERRO, 1992. P.87)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Numa tentativa de empreender uma justaposição do tratado, nesse pequeno texto, no que tange ao posicionamento teórico de Marc Ferro em relação à possibilidade de utilização do cinema com fonte histórica, procederemos a uma espécie de sistematização do apresentado.

Podemos dizer que, quanto ao problema da realidade ser ou não parte integrante de uma obra cinematográfica Marc Ferro coloca a questão nos termos do visível e do não visível, contra análise da sociedade dando origem a uma contra história. Nesse espaço das dicotomias



e tensões próprias do cinema é que se apresenta uma espécie de verdade do mundo, produzida pela câmera e seus idealizadores. Fica claro, dessa forma, que a todo momento Ferro está procurando mostrar o autêntico, o verídico por trás dos interesses ideológicos que guiam determinado filme.

A contribuição de Ferro a problematização da relação cinema-história é bastante importante, tanto por seu suposto pioneirismo quanto pela maneira como ele defende e trabalha o cinema no lugar de fonte documental. No entanto, também é certo que a análise fílmica vai além da análise entre a imagem e suas instâncias não fílmicas. É nesse ponto que, o autor peca ao não pensar o cinema em sua estrutura própria, pois “para que possamos recuperar o significado de uma obra cinematográfica, as questões que presidem seu exame devem emergir de sua própria análise.” (MORETTIN, 2007, p. 63).

NOTAS:

1. *O cinema com fonte histórica na obra de Marc Ferro*, p. 64.
2. *Cinema e História*, p.68.
3. *O cinema com fonte histórica na obra de Marc Ferro*, p.44.
4. *Cinema e História*, p. 46.

REFERÊNCIAS

FERRO, Marc. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra, 1992

FREY, Bernardo e outros (entr). **Marc Ferro- Falsificações**. In Recine. Rio de Janeiro, setembro. 2004.

KORNIS, Mônica Almeida. História e Cinema: um debate metodológico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p.237-250, 1992.

MORETTIN, Eduardo. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. In: CAPELATO, Maria Helena. et al. **História e Cinema: dimensões históricas do audiovisual**. São Paulo: Alameda, 2007, p. 39-64.

NAPOLITANO, Marcos. A História depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.